Jornal Agora de 10 e 11 de abril 2005

ACERVO CAMBIANTE

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO *

A natureza humana é muito complexa, meus netos, muito complexa. Não sei da complexidade dos animais, sei da complexidade do ser humano. Cada um é cada um. Cada indivíduo tem uma história para contar diferente da do outro. Cada pessoa constrói sua historia singularmente. Ninguém é igual a ninguém. Somos todos semelhantes e diferentes. Mas, precisamos um do outro.

Meu avô reunia os netos para falar das diferenças. Explicava as diferenças. Percebi, tempos depois, que ele falava também sobre as desigualdades. Meu avô contava histórias de seus companheiros de trabalho, sobre suas diferenças, as diferentes oportunidades para melhorarem de vida e as dificuldades de alguns em aproveitar essas oportunidades. Em algumas delas, era necessário um grande esforço, um muito caminhar a que alguns não se adaptavam ou que não privilegiavam, desistindo. Não por falta de interesse, e, sim, por falta de condições reais, mínimas, para lograr essas melhorias.

Às vezes, meus netos, as dificuldades não são tão transparentes, são ocultas, e merecem ser consideradas por quem quer compreender as mulheres e os homens. E saber as diferenças é necessário para melhor se conviver e partilhar as coisas boas deste mundo.

Um dia, meu avô trouxe para casa uns cadernos escritos à mão. Mostrou para nós. Em cada caderno, percebíamos uma letra diferente. Depois, soubemos pelo avô que não só as letras eram diferentes, mas as histórias que ali estavam escritas também. É que meu avô tinha estimulado seus companheiros de trabalho a escreverem suas histórias. Comprara alguns cadernos em branco e presenteara, pedindo que escrevessem como quisessem suas histórias, sem nenhuma preocupação crítica.

Pois ali estavam alguns desses cadernos, recheados de histórias. Diferentes e semelhantes. Um acervo. Interessante é que, além dos textos, alguns ousaram nessas páginas: desenharam paisagens, casas, ruas, praças, rios, rostos e objetos de estimação. Outros colaram fotografias de pessoas queridas, falaram de encontros e desencontros, de passeios com os seus próprios retratos. Cada revelação! Cada depoimento! Um repertório de narrativas sobre a participação de cada um como sujeitos em suas trajetórias de vida, que foram constituindo memórias afetivas pessoais e sociais, de diferentes tempos e espaços.

Nessas reveladoras páginas desses cadernos, constavam os sofrimentos, as tristezas, os conflitos individuais, os sonhos, as esperanças, os desencantos, as ausências e muita alegria. Um transbordar de vivências e lutas. Os olhos de meu avô gotejavam sobre muitas páginas, enquanto lia para nós, com a voz embargada.

Meu avô também escreveu seu caderno, só revelado tempos depois de sua viagem. Qualquer dia desses eu conto o que ele deixou escrito nesse caderno, que hoje integra meu acervo. Pois, acreditem, meu avô também presenteou os netos com esses cadernos em branco.

Eu também ganhei um caderno, onde escrevo muitas anotações, que agora são do conhecimento de vocês. Boas revelações, complexas e cambiáveis.

Será que nesses tempos precisamos ganhar cadernos para nos tornarmos escritores de nossas histórias?

* Contador de Histórias